

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Solidariedade o ano todo

Elaine Ribeiro
imprensa@cancaonova.com

O fim de ano leva muitas pessoas a refletirem sobre suas vidas: o que foi feito, o que ainda pode ser realizado e as necessidades não alcançadas. Esse momento de balanço também desperta pensamentos sobre solidariedade, que se torna mais visível em ações voltadas aos necessitados, como asilos, lares de crianças, hospitais e moradores de rua. Muitas pessoas se voluntariam para promover festividades natalinas, doações de roupas e outras iniciativas.

Nos últimos meses do ano, a coletividade tende a se unir com mais intensidade. A época das festas traz uma sensação de renovação e reflexão sobre o ano que passou, e muitos se sentem impulsionados a contribuir para causas sociais. As campanhas de arrecadação, que envolvem doações de alimentos, brinquedos, roupas e até dinheiro, demonstram o impacto positivo dessas ações, com imagens de crianças sorrindo ao receber presentes ou famílias reunidas ao redor da mesa.

Esse movimento de solidariedade é bonito, com grupos anônimos, associações de

amigos, empresas e até condomínios promovendo ações para ajudar o próximo. No entanto, surge a questão: por que esse espírito de ajuda desaparece após as festividades? Como garantir que a solidariedade não seja algo restrito ao final do ano, mas que se torne parte da rotina ao longo de todo o ano?

Movimentos como o Natal Solidário e a atuação de voluntários em hospitais e abrigos geram um ciclo de compaixão e engajamento coletivo. Porém, após as festas, muitos retornam à rotina habitual e a preocupação com os outros vai diminuindo. As campanhas de arrecadação perdem força, e o sentimento de urgência que o Natal traz desaparece.

O fim de ano, com sua atmosfera de fraternidade, é um momento propício para a reflexão e ações solidárias. No entanto, a transformação real ocorre quando conseguimos levar o espírito de generosidade para o cotidiano, fazendo da solidariedade uma prática constante. Se incorporarmos essa mentalidade, não apenas em datas comemorativas, contribuiremos para uma sociedade mais empática e justa. Que o espírito de solidariedade que surge no final do ano se mantenha vivo e ilumine todos os dias do ano.

Um bom café apreciando a chuva

José Ernando de Sousa Filho
brernandosousaf@gmail.com

Quando se vai ao médico com uma queixa a ser solucionada ou controlada, o paciente anseia em encontrar acolhida, com comunicação clara e sair com um entendimento sobre o que deve ser feito. Não importando qual a gravidade ou complexidade da queixa, poucos minutos nunca serão suficientes para que haja vinculação médico-paciente e se inicie um laço de confiança.

Essa semana encontrei um amigo, Maycon Felipe, excelente internista atuante em Sobral-CE, e discorremos sobre exemplos de mestres e como se criar vínculos com quem nos procura. Entre diagnósticos e tratamentos, há que existir uma escuta ativa, bem como um bom exame físico, este para o médico é uma forma de estreitar suas hipóteses diagnósticas, contudo para o paciente é a permissão de ter o corpo tocado e, portanto, o início de uma relação de confiança.

Para que tudo isso aconteça, ou volte a acontecer como já se bem praticara outrora, Marco Bóbbio, médico italiano, divulga

e defende a Slow Medicine, a medicina sem pressa, como uma gostosa conversa numa cabana no campo, tomando um café com biscoitos fresquinhos em uma tarde de chuva.

Quanto menos se conversa, mais exames se pede, mais se invade o paciente, menos se respeita a sua individualidade e valores e mais se eleva o custo do cuidado em saúde.

E o que incomoda mais nisso tudo é o ensino médico incorporando a pressa e a velocidade fordista de produção, não permitindo conhecer bem a queixa por trás da queixa, a rotina que interfere na solução do problema ou mesmo saber se o tratamento indicado tem condição financeira de ser realizado.

A inovação e tecnologia deve ser aliada da boa medicina, não um caminho sem volta de desumanização. Não devemos, nós médicos, funcionar como uma inteligência artificial baseada apenas em diretrizes, pois jamais seremos melhores que a máquina em seu papel executivo, mas devemos ser demasiadamente humanos frente aos nossos pacientes, pois assim seremos sempre insubstituíveis.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A bailarina fantasma

Malu Camurça Sampaio e Olga Serra Azul Machado Gomes

Colégio Canarinho

O livro “A bailarina fantasma”, de Socorro Acioli, retrata a história de Anabela, cujo pai é o arquiteto-chefe da reforma do Teatro José de Alencar e, durante o espetáculo de abertura, ela vê uma bailarina translúcida e azul que ninguém, além dela, enxerga. A menina conta para sua amiga que, para ajudar, começa a investigar. Acidentalmente, Anabela acha um baú e o leva para o pai, mas no caminho a bailarina a aborda e conta sua história. Será que ela queria o baú?

A contação é fantástica, cheia de aventuras, mistérios e romances proibidos. A trama é bem construída e acontece em um local histórico e real de Fortaleza, o Teatro José de Alencar, isso torna o enredo mais envolvente para público.

O tema do luto pode fazer a obra parecer muito pesada, mas é trabalhado de forma leve, com aventuras e suspense. O livro é dividido em três atos: o tempo inicia no presente, volta para o passado e, depois, retorna para o presente novamente, o que facilita a compreensão da história.

O público-alvo são pessoas de quaisquer idades, pois é um gênero amado por todos, o fantástico.

Perfeitamente imperfeita

Jhennyfer Alencar Gomes

Ex-Correspondente O POVO

Você tem raivas “do nada” e eu sou um “pouco” mais de boas. Você é calma, às vezes, e eu agitada. Você ama matemática, e eu bom... eu amo escrever.

Somos muito diferentes, porém, nos damos “bem”, algumas vezes nos estranhamos e até brigamos, mas sempre voltamos a nos falar.

Você é muito boa em matemática, mas se fosse para fazer uma redação falando mal de mim sua nota seria 1000.

Sou péssima em matemática, mas consigo calcular seu nível de estresse em segundos só de olhar para sua cara.

Somos tão diferentes, mas temos uma conexão muito forte, que nos une. Isso me deixa feliz, por mais que eu reclame muito com você, quem tem você tem tudo.



Abismo nº 1: Liberdade

Carlos Henrique
Ex-Correspondente O POVO

O rapaz esperava para atravessar a rua, sinal verde para os carros, viu o seu reflexo no vidro de um que passava e por um segundo não reconheceu a si mesmo. Não teve orgulho, não pensou, somente viu a sua imagem como quem observava um externo a si. Enquanto caminhava para a entrada, um colega conversava com ele, essas conversas eram boas, o faziam se sentir vivo, percebido, lembrado, mas daquela vez ele não estava prestando atenção.

Estava pacato e pensava em quão cansativo seria o dia, não por causa das matérias, mas sim pelos diálogos rasos e sentimento de exclusão contínuos.

No mais, o dia ocorria como de costume. Tiveram que mudar de sala, uma das meninas mais carismáticas disse “Espere, não quero ir sozinha”. O rapaz

hesitou, mesmo sabendo que não era da sua companhia que ela se referia, dizendo, “Mas todos já não estamos?”. Aula de biologia, hoje eram aves, havia

a imagem de um gavião-real em seu livro, e ele imaginou o quão bom deveria ser viver como um, livre, desejou reencontrar, se é que isso existe, como um pássaro na próxima vida. Mas logo ficou temeroso de voltar como um pardal, ou pior, um galo que nem sequer de voar era capaz. Entretanto, almejou a liberdade de poder voar, ser livre e forte para caçar, sentir o vento no rosto, mas, a que preço? O de estar preso na própria ignorância? De não poder contemplar isso? Mas ele mesmo já não estará preso nela? Ou se achava superior ou ignorante demais a ponto de não perceber o abismo da sua ignorância e o abismo entre a liberdade e as prisões do tal gavião.

Logo se lembrou do reflexo que vira no carro, e percebeu que nele estava preso.

Kafkiano

Marcos França
Ex-Correspondente O POVO

Músculos tensos e sonhos de ninfa
Tatuados por símbolos kafkianos
Ratos em apartamentos verde cinza
Psicofármacos, razão de encantos
Tripas podres de marmitta
Um pesadelo irônico cosmopolita
Sorrisos, pútridos, projetados
Milimétricos suspiros vivenciados
A sensação gélida no peito
A Amarela pele arranhada
Sangrando pelas extremidades
A fome, um pão, outra regurgitada
A beleza das plantas
A exigência do pomar
Sangue, rodas e nossas crianças
A sombra dança para se matar {...}

Será que existe conexão entre influenciadores e consumidores?

O poder da mídia e seus influenciáveis

Vitória Cortês
Ex-Correspondente O POVO

Em meio à influência na mídia, os influenciáveis ou consumidores podem relativizar algumas tendências que ao longo do tempo vão e voltam com o passar dos anos. Tomando a realidade como algo virtual, podemos falar sobre o poder que a mídia traz em relação ao fato de influenciar.

É fato que os influenciadores digitais se tornaram uma nova tendência, em que trouxe uma relevância à sociedade, por sua vez, consumidores ou aqueles que desfrutaram da influência.

Hoje, deixo a minha reflexão, será que existe mesmo uma identificação e conexão gerada por parte dos consumidores? Ou hoje, você consome o que é mais relevante para você?